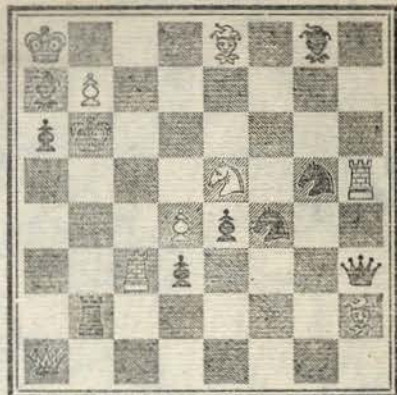


XADREZ

PROBLEMA N.º 6

De Problemist, 1932

Barulin e Issacoff



1.º prêmio

Mate em 2 lances

O GRUPO DE XADREZ DO PORTO é campeão da Portugal

Iniciou-se em Dezembro de 1941 um importante torneio inter-grupos, por correspondência, que reuniu as inscrições das mais destacadas agremiações da modalidade, em Lisboa, Porto, Coimbra e Setúbal.

Durante mais de um ano foram distribuídos pelos principais clubes do país alguns milhares de postais, em que apenas eram legíveis uma lénica notificação e meia dúzia de cifras, causas do sabe-se lá quantas ansiedades!

A grandiosa competição terminou há pouco, com a vitória retumbante do Grupo de Xadrez do Porto, que, manifestando admirável apêgo à luta, não perdeu uma única partida, consentindo apenas três empates!

Para maior exposição dos números que ditaram a classificação, eis uma tabela com os resultados finais:

	P.	S.	L.	T.	C.	Pontuação
1.º Porto...	—	5½	5½	5½	6	22½ pontos
2.º Setúbal...	½	—	3½	3	4	11
3.º Lisboa...	½	3½	—	3	4½	10½
4.º "Técnicos"	½	3	—	3½	—	10
5.º Coimbra...	0	2	1½	—	—	6

A título de curiosidade vão, seguidamente, alguns dados estatísticos: nas 60 partidas jogadas (metade das quais foram iniciadas com 1. e2-e4 — «partida aberta») verificaram-se os seguintes resultados: as brancas ganharam 30, as pretas 16, e empataram-se 14. As aberturas que gozaram de maior adopção foram: o gambito da Dama recuado (11); a Partida Espanhola (9); a defesa Siciliana (5); etc. Num dos próximos números reproduziremos uma das partidas jogadas neste torneio, especialmente anotada para «Stadium».

CORRESPONDÊNCIA

Fernando da Silva, Ponta Delgada — Registamos, agradecidos, o seu interesse pela nossa secção, e fazemos votos para que o desenvolvimento do Xadrez aporeno encontre em si o paladino de que necessita.

Quanto aos problemas que nos enviou, lamentamos ter de lhe dizer que provavelmente estão insolúveis. Dizemos provavelmente porque os respectivos enunciados não acompanhavam os trabalhos e a chave que indicou não soluçã na os problemas, pelo menos em dois lances, como parece ser a sua ideia.

Admitimos também a hipótese de má interpretação do modo convencional de escrever partidas. Está bem certo da exactidão das posições enviadas?

Ficamos aguardando uma possível rectificação ou novas tentativas. Lembremos-lhe, contudo, que um dois-lances simples é o mais aconselhável para o compositor principiante, e que, em regra, as chaves não podem constituir queques, nem tampouco devem cortar casas de fuga ao rei negro... Cumprimentos e bom xadrez!

OS ALUNOS DA CASA PIA DE LISBOA

passaram as férias fazendo campismo

O campismo — que pelo interesse que está despertando deve alcançar em Portugal enorme desenvolvimento — é também praticado pelos alunos da Casa Pia, tanto das suas secções masculinas como femininas, aquêles em acampamentos instalados na Costa da Caprica e na Venda Sêca, e as educandas num acampamento em Azeitão.

Neste período de férias preferiu-se, e muito bem, conseguir para os internados um pouco de vida ao ar livre, em substituição da vida do internato, agora sem aquêl ambiente movimentado do período de aulas. E isto porque nem todos os alunos e alunas têm família que os possa levar a férias...

Assim, em quinze dias de vida ao ar livre, sob saudáveis pinheiros, ou outros tantos dias podendo receber os benefícios do ar do mar, os educandos da Casa Pia de Lisboa têm as suas

férias ao mesmo tempo que são integrados na pureza de um desporto — o campismo — neste caso praticado com todos os pormenores e especiais atenções que requerem as dezenas de raparigas e rapazes entregues aos cuidados do nosso prestigioso e c-ritativo estabelecimento de assistência pública.

Basta dizer que antes de seguirem para os acampamentos todos os alunos e alunas são minuciosamente inspecionados pelos médicos, os quais, segundo o seu exame, indicam campo ou praia.

Os resultados foram excelentes. No ano passado, em 200 rapazes, só um perdeu peso.

Esta deliberação de escolher para os alunos da Casa Pia, no período de férias, uma vida de campismo, não tem outro objectivo senão o de proporcionar-lhes uns dias de repouso, sim, mas no melhor e mais saudável ambiente, ao mesmo tempo que se obrigam a pôr em completo funcionamento as suas qualidades de agilidade e destreza.

Os resultados obtidos — repetimo-lo — são magníficos — e o campismo para os alunos da Casa Pia prossegue.

A-PROPÓSITO...

Armando Moitinho de Almeida treinador obsequioso do Naval Setubalense

ARMANDO Moitinho de Almeida, de uma família de nadadores, figura de primeiro plano na natação portuguesa da última dúzia de anos, sustentáculo da equipa do Algés em numerosas provas e campeonatos, passará, uma vez por semana, aos domingos, devidamente autorizado pela Federação Portuguesa de Natação, a ministrar ensinamentos e a treinar a equipa de natação do Clube Naval Setubalense. Os nadadores propriamente de hoje — referimo-nos especialmente aos infantes e principiantes — entre os quais se contam muitos dos que ele vai treinar, não conheceram Armando Moitinho nos seus tempos áureos, nos seus tempos de campeão.

São para êles as histórias que se seguem. Muito novo, Moitinho de Almeida revelou as suas magníficas qualidades, nomeadamente como «sprinter».

Quando, em 1932, o Algés e Dafundo fez a sua viagem a Barcelona, Moitinho baixou para 1 m. 8 s. 4/5 o «record» nacional dos 100 metros livres. Este «tempo» é, ainda hoje, marca de valor, como todos sabem. Avale-se, portanto, o que representava há onze anos... Nos 200 metros, de que durante muitos anos foi «recordman», com 2 m. e 40 s., e campeão nacional, deixou também assinalado, de maneira inconfundível, o seu valor. E registre-se a sua presença, por diversas vezes, em equipas campeãs de 4 x 200 metros livres.

Mas Moitinho não se distinguia só como nadador de velocidade — que o foi fundamentalmente. Nos 400 metros, na travessia do Tejo e até, por vezes, nadando bruiços, deixou um nome, vinculado a traços inapagáveis na história da natação em Portugal.

Relembremos ainda a sua acção como jogador de «water-polo», no primeiro «team» do Algés, e recordemos, a propósito, a maneira sempre brilhante como defrontou equipas estrangeiras, quer em Algés, quer em terras de Espanha.

O Naval Setubalense está, pois, entregue em boas mãos. Pena é que a assistência de Armando Moitinho de Almeida aos rapazes sadinos seja tão pouco amidiada. Apenas, uma vez por semana, aos domingos, irá a Setúbal. Mesmo assim, a acção de Moitinho de Almeida dará, em breve, os seus frutos.

Vontade não falta aos rapazes de Setúbal. Faltam-lhes, sim, conhecimentos técnicos. E é esse pormenor que Moitinho irá resolver.

Setúbal está, a nosso ver, de parabéns. A natação na cidade sadina será, dentro de pouco tempo, uma realidade insosmistável.

Visitámos oportunamente o acampamento que esteve instalado no pinhal da estrada da Costa da Caprica, junto à Colónia de Férias da F. N. A. T.

No meio do denso pinhal lá estavam as barracas alinhadas, por entre as quais os «gansos» tinham «abertos» os seus caminhos e passagens.

Amavelmente recebidos pelo director dos serviços de campismo da Casa Pia, sr. professor Carlos Diegues, pudemos percorrer todo o acampamento e verificar a forma impecável e disciplinada como êle funcionava.

Estiveram ali 180 casaplanos, acompanhados do director do acampamento, sr. professor Augusto Raposo, e de um grupo de graduados.

Cumpriram-se todas as regras do verdadeiro campista, excepto os serviços de cozinha, que estiveram a cargo do pessoal da Casa Pia, para ali especialmente enviado. De resto executaram-se todos os preceitos indicados para viver a vida ao ar livre.

Os campistas casaplanos, tomada a primeira refeição, procediam ao arranjo das suas barracas e seguiam para a praia, regressando pouco antes do almoço. À tarde, com o seu período de repouso a seguir à refeição, era preenchida por jogos ou entretenim-se a embelazar as suas barracas, um passatempo curioso e ao mesmo tempo educativo, pois que, conforme o gosto artístico dos ocupantes de cada uma delas, se podiam ver caprichosos desenhos feitos em folhas de árvores, conchas e flores. Vimos ali, à entrada de uma barraca, uma bem desenhada Cruz de Cristo.

Todos os dias um professor da Casa Pia ia ao acampamento fazer uma palestra cultural. Antes do jantar, os «gansos» davam um passeio. À noite, antes do recolher, acendia-se o «Fogo do Conselho» — a «Chama da Pátria», como era designado nos acampamentos casaplanos.

E os 17 dias estipulados para cada turno passaram depressa e agradavelmente, gosados pelos internados das secções Pina Manique (Belem), asilos Nuno Álvares e Maria Pia, e os femininos de Santa Clara e 23 de Maio, todos agora integrados na Casa Pia de Lisboa.

Como salientámos, o acampamento estava bem montado. Os chuveiros e lavabos eram resguardados devidamente, a cozinha de campanha, a despensa, um serviço de estafetas com as respectivas bicicletas, o de correio — lá estava o respectivo postal pregado no tronco de um pinheiro... — e o de saúde de urgência.

Mas o sr. professor Carlos Diegues aspira a muito mais e espera poder conseguir melhorar os seus serviços de campismo. Não lhe falta interesse, entusiasmo e, para maior incentivo, os excelentes resultados obtidos pelos simpáticos «gansos» em dois anos de prática de campismo.

Assine a Revista «STADIUM»

3 meses Esc. 19\$50

6 meses Esc. 39\$00

12 meses Esc. 78\$00

FERNANDO SÁ